

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

FERNANDO KUDORO BORORO

**O MENINO ADOLESCENTE E SEU COMPROMISSO COM O
SEGREDO DO FUNERAL SAGRADO *BOE-BORORO***

**Barra do Bugres
2016**

FERNANDO KUDORO BORORO

**O MENINO ADOLESCENTE E SEU COMPROMISSO COM O
SEGREDO DO FUNERAL SAGRADO *BOE-BORORO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues
Fernandes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B736m BORORO, Fernando Kudoro.

O menino adolescente e seu compromisso com o segredo do funeral sagrado Boe-Bororo / Fernando Kudoro Bororo. – Barra do Bugres, 2016. 31 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes.

1 . Ensinamentos Tradicionais. 2. Segredos do Ritual Bororo. 3. Adolescentes Boe. I. Fernandes, D. R., Ma. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

FERNANDO KUDORO BORORO

**O MENINO ADOLESCENTE E SEU COMPROMISSO COM O SEGREDO DO
FUNERAL SAGRADO *BOE-BORORO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 14 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes
Professora Orientadora

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Avaliador

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por ter me incentivado e ter me criado na plena Aldeia Córrego Grande, sendo esta a primeira mãe educadora mestra do povo

Boe-Bororo.

Também às minhas duas filhas, esposa e meus irmãos(ãs), pelo incentivo frente a vários desafios e desequilíbrios que sofri durante o percurso para alcançar os objetivos mais esperados na minha vida como um educador indígena do povo *Boe-Bororo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelos dons recebidos, por me fazer capaz de elaborar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus pais, por me fazer acreditar na Educação e pelo incentivo aos estudos, por mais que fosse incompreensivo ir à escola quando pequeno.

Agradeço a comunidade bororo da aldeia de Córrego Grande, por ter me dado a oportunidade de estudar e me apoiar construindo, assim, um conhecimento escolar e para a vida social.

Agradeço a UNEMAT, por ter me dado a oportunidade de fazer parte de seu Projeto que é a Faculdade Indígena Intercultural, e me dado o conhecimento e abertura para discutir as Políticas de Educação Escolar Indígena juntamente com os meus colegas de outras etnias de Mato Grosso.

Agradeço a FUNAI, por fazer a logística dos alunos para o deslocamento de nossas aldeias para as Etapas Presencial e Intermediária.

Agradeço a minha Professora Dulcilene Rodrigues Fernandes, por me orientar neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a minhas filhas, Suzana Carvalho Aroiga e Luana Kudoro Bororo, pelos carinhos e Esposa Sueli Torojokurea, por me incentivar para nunca desistir dos estudos, apesar das dificuldades enfrentadas.

Agradeço a Comunidade Indígena da Aldeia Córrego Grande, na pessoa do Cacique Juscelino Koriga, por ter me dado a carta de apoio para fazer parte do grupo de acadêmicos da Turma 2012.

RESUMO

Considero importante destacar a valorização dos diversos rituais sagrados para o povo *Boe-Bororo*, pois isto se constitui em uma forma de valorizar as manifestações culturais milenares do nosso povo, e, representa também uma forma de reforçar a nossa identidade. Algumas pessoas não participam das atividades culturais, principalmente mulheres e alguns jovens de ambos os sexos do povo *Boe-Bororo*, por restrições culturais. Assim, as atividades fúnebres dos últimos dias do funeral, que são acompanhadas por um grupo de adolescentes, podem representar um momento de conhecimento educativo desta comunidade percorrendo um dinamismo, pois garante a estes integrantes um preparo e envolvimento em práticas culturais ancestrais. Na minha atividade docente cotidiana, com os alunos do quinto ao nono ano, tenho observado um relativo desconhecimento dos animais, aves e peixes que são sagrados para a cultura *Boe-Bororo*. Assim como conhecem pouco sobre o sagrado destes seres vivos, também desconhecem algumas regras e segredos que devem ser cumpridos e mantidos durante o ritual fúnebre de nosso povo *Boe-Bororo*. O objetivo deste trabalho é discutir sobre a responsabilidade dos jovens no que se refere aos segredos que envolvem o ritual fúnebre dos *Boe-Bororo*. A fonte principal das informações que constam nesta pesquisa vem da sabedoria milenar dos nossos anciãos e foram coletadas em entrevistas juntos aos mesmos.

Palavras-chave: Ensinamentos tradicionais. Segredos do Funeral Bororo. Adolescentes Boe.

BOE-BORORO

Imago mode woe Boe ero kurireu jiboeji. Boe ero kuricigo makare rugadu, marigudu rakare, durure rugadu, awu jaoboe mariguduboe ekedu rakare jii, ediwa kurire kodi. Du jamedu awu paroboe utuwo pudui, uwo pagabo, jetuwo pagabo, dure jamedu jeture pai, ure tugera rakojedu boe pagabo paedure otoi paro nure ema kodi. U, boe pegare Boe etai dukeje, paedu kiorore pawadukare paegare kare, toro boe akedu kae aroe erere bato dukeje, nowu meriji ipare ere taredo aijedogei, areme edukare ia Boe etore edukare. Mare edure aijedogei rekodaji, icare ia ipare kugure duwugere emeru mode aroebo, bakujebiji, poboto, iturato, bokuji aroebo tumeru tabo, tuwogu tabo duwugere edure emugure Boe ero jamedu boe keje. Imi imugure bapera jakejedu inure bapera makudu du tabo, jamedu itaiwore ia ipare kugure ekare tuiorduiwado Boe epagudure jiboece; barege, kare, kiogoe marebe ukere emaboece. Du ediwa begabegapore nowu barege ei jamedu. U, jamedu ekare tubagududo Boe ero kurireuce eradodu kawo aijedogei, ekawo ero boe towuje eradodu kawo inuba ere. Boe pagi paro kurireu nure ema kodi. Dukeje karega awu pagimejerage “ROIA, BAKARU, EGURU” epage ekedu kuborire tu aino paro koboroguji.

Palavras-chave: *Iparedu ukawo Boe ere tuorduiware jiboe Boe erro. Ukawo ukagado. Ukawo udo tuguwo.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - O POR QUÊ DESTE TRABALHO	11
1.1 Breve relato do Mito de Origem	11
1.2 Localização da terra indígena e população geral	14
1.3 Modo de sobrevivência: Caça? Pesca? Artesanatos?	15
1.4 Principais práticas tradicionais: dança e rituais	15
1.5 Sobre a minha aldeia	17
CAPÍTULO II - ENSINO DO MENINO BORORO	19
2.1 O menino Bororo de 4 a 6 anos de idade.....	22
2.2 O menino Bororo de 7 aos 10 anos	24
2.3 Como era a iniciação antigamente	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30
CONSULTORES NATIVOS.....	30

INTRODUÇÃO

O povo *Boe-Bororo* ainda mantém muito de suas tradições culturais, desde a ancestralidade, como o ritual de passagem do menino para adolescente, o qual envolve muitas atividades para desenvolverem conhecimentos sobre a cultura e sobre os rituais sagrados deste povo. Atualmente, esta atividade é realizada somente no momento do funeral, quando o adolescente recebe os conselhos dos responsáveis e da família para manter os ensinamentos em segredo, pois estes conhecimentos não poderão ser descobertos por outros meninos que ainda não vivenciaram o dinamismo do funeral, principalmente as mulheres. Portanto, é segredo da cultura que não deve ser exposto e nem deve ser imitado em um dia qualquer, pois se assim fizer, a pessoa que demonstra ou pratica o segredo indevidamente, trará sérios problemas para si próprio e também para quem eventualmente tenha visto ou ouvido a narração do ritual. Isto poderá desencadear um processo de aparecimento de doenças seríssimas na pessoa, cujas causas são difíceis de detectar, tendo consequências de azar, levando a pessoa até a morte por não ter conhecimento dos remédios caseiros específicos para combater esta situação de doença da cultura.

Esta pesquisa resultará, além de produção de conhecimento, em um material didático importante na valorização e fortalecimento da cultura *Boe-Bororo*¹. Contribuirá como forma de informações sobre nossa cultura, bem como incentivo para pessoas de diversas faixas etárias no mundo da atualidade que vivemos, com tantas tecnologias que entram para a vida diária do povo *Boe-Bororo*.

Portanto, pretende refletir e levar ao conhecimento dos integrantes das comunidades que é fundamental saber e manter a importância dos segredos. Assim, este trabalho é voltado para a valorização da cultura deste povo, trazendo ensinamentos aos jovens em relação aos segredos que tem de ser mantidos acerca de rituais sagrados que fazem parte da tradição imemorial do povo *Boe-Bororo*.

Este trabalho tem o objetivo de refletir e discutir as razões que levam os jovens a expor os segredos do ritual do Funeral *Boe-Bororo* para pessoas que não devem conhecê-los.

A fonte principal das informações que constam nesta pesquisa vem da sabedoria milenar dos nossos anciãos. Foi entrevistado um ancião que demonstrou um profundo conhecimento das práticas do ritual sagrado do povo *Boe-Bororo*. Foram entrevistados três jovens da comunidade para compreender de que modo foram orientados e que informações receberam

¹ *Boe-Bororo* é a autodenominação do povo *Bororo*.

sobre os impedimentos acerca dos segredos relativos ao ritual do Funeral para o povo *Boe-Bororo*, bem como sobre as razões que os levaram a expor estes segredos a pessoas que não deveriam conhecê-los. Num segundo momento, as entrevistas foram.

Este trabalho resultará na elaboração de material para ser utilizado como recurso didático na Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru* como forma de resgatar as tradições milenares do povo *Boe-Bororo*. Busca repercutir os saberes de educadores e dos pais dos alunos, com objetivo de valorizar os diversos rituais sagrados, que ao longo do tempo acabaram se tornando desconhecidos das gerações mais jovens.

Pela minha experiência, pude verificar uma total desmotivação das novas gerações em termos de adotar comportamentos favoráveis às práticas ritualísticas tradicionais. Ao passo que, no tempo dos nossos avós, por exemplo, todas as pessoas da comunidade indígena *Boe-Bororo* participavam com bastante entusiasmo dos rituais em segredo do povo *Boe-Bororo*, sendo que várias atividades sagradas eram realizadas durante e após o término do funeral.

É importante resgatar os valores presentes nos rituais que estimulam os meninos e adolescentes a se envolverem junto com os mais velhos da comunidade, desenvolvendo um conhecimento significativo sobre essas práticas tradicionais que ao longo de sua trajetória representará um papel importante no processo de tomada de consciência para as novas gerações.

CAPÍTULO I - O POR QUÊ DESTE TRABALHO

Nós, da comunidade Boe-Bororo da Aldeia Córrego Grande, nos preocupamos com os meninos e adolescentes quanto ao incentivo e seguimento dos conhecimentos dos nossos ancestrais. Assim, a elaboração desta pesquisa, nesta aldeia, foi feita com a contribuição do senhor Joaquim Batista Burudui, que é um ancião conhecedor geral da cultura do povo *Boe-Bororo*. Os alunos da Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru* são atores importantes desta pesquisa, pois estão em processo de aprendizagem dos conhecimentos da cultura do povo *Boe-Bororo*. Nesse sentido, a escola tem um papel importante a desempenhar na formação de uma consciência coletiva que saiba reconhecer e valorizar a tradição cultural do povo *Boe-Bororo*.

O sentimento de pertencimento à cultura imemorial do povo *Boe-Bororo*, sairá ainda mais fortalecido na medida em que os jovens tomarão contato com as manifestações culturais que estão um tanto quanto sendo desconhecidas no contexto de formação dos nossos alunos.

A valorização cultural tem de envolver a comunidade (relatos dos anciãos) como um todo, pois do contrário, os jovens (alunos) não irão replicar em suas práticas cotidianas os rituais sagrados do povo *Boe-Bororo*. Neste sentido, esta pesquisa representou uma oportunidade de resgatar valores e fortalecer ainda mais os rituais sagrados do povo *Boe-Bororo*.

Do ponto de vista pedagógico, a produção escrita deste trabalho monográfico será disponibilizada como material didático na Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*² para subsidiar as práticas educativas dos seus professores.

1.1 Breve relato do Mito de Origem

Considerando relatos dos anciãos do povo *Boe-Bororo*, existem vários aspectos, como a origem do povo *Boe*, embora muitos integrantes da comunidade e líderes *Boe-bororo* apresentem versões diferentes do Mito de Origem. Isto suscita debates e discursões levando até mesmo, na atualidade, a inúmeras narrativas de como surgiu o povo *Boe*.

A seguir, cabe destacar o registro do Mito de Origem do povo *Boe-Bororo*, que consta no Projeto Curricular do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru*, informando que a origem é *Arimonodoge*, nome de pessoa *Boe* antigamente, que veio de onde

² *Koregedo-Paru* significa Barra do Córrego Grande e também é o nome dado a nossa escola estadual.

o Sol Nasce (*marigudu*), denominado muito tempo atrás. (Relato ancestral de Álvaro Koriga). Assim, também, através de conto dos mitos pelos mais velhos, existem outras repercussões históricas da origem sobre um imenso dilúvio que aconteceu na região do Estado de Mato Grosso, onde é o atual município de Santo Antônio do Leverger.

Portanto, a ocorrência do fato aconteceu através de uma atividade práticas em pescaria com timbó, no córrego que atravessa as proximidades do atual lugarejo chamado Coxipó, denominado na língua como Kujibo po. As circunstâncias aconteceram por meio de provocações de um adulto com uma criança, no qual uma criança que tinha pouco conhecimento das variedades e espécie de peixes, foi perguntar que tipo de espécie era, indicando os peixes na armadilha, denominado na língua Kago para um adulto. Este, ao responder para a criança, palavra de baixo calão, disse que a espécie era parecida com a vagina da mãe da criança, repetindo constantemente a informação.

Como o pai do menino encontrava-se em sua casa fazendo sua flecha, o menino retornou para sua casa explicando para seu pai como tinha escutado de um próprio adulto, dizendo a palavra de baixo calão, referindo-se à espécie do peixe que tinha perguntado, e repetiu, ao seu pai o mesmo jeito que o adulto tinha lhe falado. Mostrando-se descontraído, o pai do menino pegou sua flecha saiu sem uma explicação para o seu filho, foi à armadilha feita com lasca de bacuri, trançada com embira e armações feita com vários tipos de madeiras grossas e finas, onde os peixes caíam todos dentro dela. Lá, onde tinha visto o peixe, arrancou da sua flecha e flechou-o, quando começou o estouro d'água sem limites, no qual o pai do menino, que era pertencente ao clã *Aroroe*, nome, Meriri Poro (Ochoa Camargo e Coqueirro Tugore Etua, 1990) saiu correndo no rumo do morro de Santo Antônio do Leverger, aonde iria se esconder da inundação. Em um dia seguinte, começou a se preocupar, porque a inundação cada vez mais estava subindo. Porém, o homem criou estratégias de acender fogo na pedra e atirando constantemente na Água até abaixar a água da inundação.

Um dia depois, o homem acompanhando a água abaixar, encontrou somente um mundo vazio, sem nenhuma espécie de seres vivos. Caminhando neste mundo vazio, encontrou apenas um broto de taquara, denominado na língua como *kado-Tugudu botugodu*.

Ao passar o dia caminhando, surgiu mais espécie de árvores e avistou um vulto passando pela árvore. Aproximando para ver o que era, identificou como sendo veado mateiro, na língua chamado de *pobogo burea*, denomina-se rasto de veado mateiro.

Portanto, considerando as memórias relatadas pelos mais velhos não há uma única definição sobre qual é a origem do povo *Boe-Bororo*, porém, apenas costuma levar esta hipótese

em amplas discussões, o exemplo é *bakaru* que denomina a dimensão do discurso entre os conhecedores da cultura, língua, mito, história, canto, choro e outros.

Assim, esta espécie de peixe que ocasionou este grande dilúvio, é conhecida na língua como *jakomea*, que é a designação de um espírito e um tipo de colar peitoral. Se as plumas são amarelas, *jakomea ekureo*, pertence aos *Iwagudu Cebegiwuge*. Se as plumas são vermelhas, *jakomea urugureu*, pertence aos *Iwagudu Cobugiwuge*. (Ochoa Camargo, 1997). Assim são definidas as cores e imitações de *jakomea*, que se classificam de acordo com os dois principais clãs e sub clãs do povo *Boe-Bororo*.

A partir do contexto histórico do povo *Boe-Bororo*, vem mantendo relevantes memórias dos ancestrais, segundo as quais, a origem deste povo se constrói a partir de uma relação do homem Meriri Poro com um animal veado fêmea, surgindo após o acasalamento várias espécies de animais como também Meriri Poro, classificando os animais de acordo com o seu conhecimento e a partir do *habitat* das espécies de animais.

Assim, com o passar do tempo, foi surgindo animais mais ferozes e Meriri Poro classificando conforme o seu *habitat*. Em uns dias seguintes, como últimas histórias faladas e ouvidas dos mais velhos, dois personagens também sobreviveram: Meriri Poro e Jerigi Otojiu³, que buscaram onde deviam encontrar os demais integrantes da comunidade após o dilúvio, assobiando, assobiando repetidamente, mas ninguém respondeu.

Certo dia, o veado fêmea teve outra nova cria, a partir da qual surgiu um ser humano. Um ser humano que até atualmente ficou classificado e deu origem a organizações espacial do povo *Boe-Bororo*, dentro da repartição de duas grandes metades exogâmicas, *Tugarege* e *Ecerae* e seus sub clãs. Conforme o primeiro ser humano *Boe-Bororo* que surgiu, *Meriri Poro* foi designando o seu sub clã e dando seu nome como sendo Mano Kurireu (Ochoa Camargo e Coqueirro Tugore Etua, 1990) e propondo o seu lugar, *habitat* e destino, que pertence da metade exogâmica *Tugarege*, do sub clã *Aroroe*.

Assim, em seguida, teve o aparecimento dos demais *Boe-Bororo*, que pertencem a mesma metade do Clã *Tugarege* até a metade exogâmica *Ecerae*. Meriri Poro designou o destino e seu nome sendo e aparecimento de novas vida do sub clã \hat{O} -*Ecerae* = *Bakoro Ecerae* = *Boro Ecerae* e constantemente o aparecimento dos restantes, onde ficou as divisórias, com as igualdades das quantidades dos sub clãs entre *Tugarege* e *Ecerae*. Mediante este processo de origem Jerigi Otojiu sempre procurava encontrar alguém para se comunicar ou mesmo responder através de assobio na Aldeia, porém somente encontrava o vazio da Aldeia e somente

³ Nomes dados aos primeiros *Bororo*, que fazem parte da mitologia do meu povo.

as casas devastadas pela inundação. Sempre procurava e quando o dia amanhecia, levantava-se, primeiramente assobiava para ver se alguém responderia, portanto somente as mesmas situações de vazio.

Até que certo dia, alguém respondeu com o mesmo assobio, mas não encontrou ninguém somente uma casa construída. Continuou experimentando novamente assobiar sempre quando se levantava ao dia amanhecer. Certo dia ouviu mais assobio e viu o aparecimento das casas e, enfim, apareceu uma pessoa no centro da Aldeia onde o Meriri Poro levava sua esteira e sentava-se para assobiar. Foi ali o encontro com o *Boe-Bororo* que pertence ao clã *Ecerae* e seu sub clã *Bokodori Ecerae Cobugiuge* referido nome *Magurere* (Ochoa Camargo e Coqueirro Tugore Etua, 1990); em sequência teve o aparecimento dos demais *Boe-Bororo* que pertencem a este sub clãs e outras metades exogâmicas *Tugarege* e seu sub clãs.

Portanto, considerando todas as observações resumidas destes relatos, levando ao conhecimento do povo *Boe-Bororo* até atualmente, considera-se um discurso conhecedor de *bakaru*⁴ muito relevante entre os conhecedores de como se originou o povo *Boe-Bororo*. Definindo este relato de origem do povo *Boe-Bororo*, fica este registro das memórias ouvidas dos mais velhos e dos nossos ancestrais para outros projetos de novas gerações.

1.2 Localização da terra indígena e população geral

Como integrante *Boe-Bororo*, da comunidade da Terra Indígena Tereza Cristina, considero importante relatar a convivência e as lutas dos nossos ancestrais e dos mais velhos para garantir a demarcação e a homologação da nossa terra. Foi a partir da Constituição Federal de 1988, artigo 231, que os povos indígenas, depois de muita luta e muitos massacres que ocorreram, garantiram direitos, de modo que os povos indígenas encontraram amparo legal para reivindicar a posse das terras onde convivem, com direito de demarcação e regularização das suas terras para usufruto, como garantia de bem estar.

Desde o reconhecimento de toda a extensão da área Terra Indígena Tereza Cristina, pelo reconhecimento histórico dos ancestrais e dos mais velhos, recorrendo a alguns meios de documentações escritos, as limitações levantadas através de estudo de GPS configuram a área que se estende em torno de sessenta e seis mil hectares (66.000 ha), na qual se reconhece a

⁴ É o nome dado quando grandes conhecedores *Boe-Bororo*, discutem sobre os fenômenos da natureza onde também referenciam vários rituais tradicionais deste povo.

população *Boe-Bororo* ocupando a maior parte da região do Vale do Rio São Lourenço na construção de suas Aldeias *Kejari*, (lugares de muitos morcegos), *Aigo Jao* (lugares de onças-pardas), *Buiogoe Eiao* (lugares de muitos peixes-piranhas).

Atualmente, a maior parte desta região do Vale do Rio São Lourenço está sendo tomada por grandes proprietários, que em flagrante desrespeito às Leis, se apossam de um território que pertence ancestralmente ao povo *Boe-Bororo*. Portanto, na atualidade, a área Terra Indígena Tereza Cristina está sendo reduzida para algo próximo a trinta e cinco mil hectares. Esta Terra está localizada nas proximidades da cidade de Rondonópolis-MT, percorrendo os vales do Rio São Lourenço em torno de cento e vinte Km (120 Km) para chegar até a atual Aldeia Córrego Grande-Gomes Carneiro.

O território está sendo subdividido em duas comunidades, Aldeias Córrego Grande e Aldeia *Piebaga*, pertencentes ao Município de Santo Antônio do Leverger – MT.

Estima-se uma população em torno de quinhentos e cinquenta à seiscentos indígenas habitantes desta área, a Terra Indígena Tereza Cristina.

A língua materna pertence ao tronco linguístico macro-jê, sendo que os *Bororo* são falantes de sua língua materna e, como segunda, a língua portuguesa. Neste pertencimento sobre seu território exigimos direitos e garantias de homologação da área onde este povo existe e mantem vivos os seus valores culturais da própria identidade do povo *Boe-Bororo*.

1.3 Modo de sobrevivência: Caça? Pesca? Artesanatos?

O modo de vida e sobrevivência dos *Bororo*, baseia-se na caça e pesca para o consumo. Conforme as necessidades de cada família cultivam pequenas plantações tais como: mandioca, banana, mamão, abacaxi e pequena área de milho, arroz e feijão.

O artesanato está basicamente na produção e confecção do uso tradicionalmente na dança e cantos do povo *Boe-Bororo*. Algumas pessoas fazem artesanato para vender, assim, é uma fonte de renda para sustento da família.

Também considero importante descrever que este povo *Boe-Bororo* tem pessoas como funcionários que fazem sua fonte de meio de sobrevivência trabalhando como funcionários da escola, funcionários de postinho de saúde indígena, aposentados, pensionistas, e tem aqueles que recebem bolsa família e outros.

1.4 Principais práticas tradicionais: dança e rituais

As principais atividades praticadas são pescas e caças coletivas, que é uma atividade e mecanismo de contribuição e compartilhamento no qual toda caça e toda pesca capturada é feita a distribuição em forma de pensão, de troca e recebe alimentações e bebidas típicas em troca, mesmo assim, ainda a melhor parte da caça e pesca volta para o caçador ou pescador levar para sua casa. Também, confere este, caçador ou pescador, um representante, como um filho, o qual denomina-se *itanaregedu*⁵, de uma pessoa que faleceu de uma família, e o representante considera a família como seu pai e mãe, que socializa trocas de alimentos.

Este processo de costume se interage dentro da casa central da Aldeia, local *Bai-Managajejeu* denominado *baito* ou Casa Central da Aldeia. É onde se encontram os mais velhos, jovens e adolescentes que recebem algumas partes do conhecimento e aconselhamento, relação entre masculinos.

Porém, partindo para as principais práticas, dança e ritual mais ricos do povo *Boe-Bororo*, estes ocorrem principalmente nos momentos funerários, quando são realizados vários rituais sagrados. Acontecem, então, algumas cerimônias de dança como *toro* que denomina-se broto de palha de buriti, fazendo em modelo de uma saia utilizando fibra; *iwodu*, que é a dança com uma folha larga; *kaiwo*, *parabara*, denomina-se taboca; *kado raireo*, dança de taboca muito mais comprida; *marido*, denomina-se o cilindro grande feito com talo de buriti e outros que podem ser destacados, que são realizadas nas danças culturais e onde todos integrantes do povo *Boe-Bororo* tem seu direito de participar. Homens, mulheres e crianças participam por determinado tempo da dança, até chegar o momento de ofertas de alimentos preparados pelas mulheres, de cujo momento as mulheres não participam e algumas crianças também. Portanto, este ritual é realizado quando falece um integrante da Aldeia, o período do funeral é bem duradouro, aproximando entre dois e três meses, conforme a observação da decomposição do cadáver para encerramento do tempo do funeral.

Assim, para o término do funeral, são realizadas as últimas atividades práticas culturais: dança, pesca e caça e para encerramento com lamentações e canto solene, o *roia-kurireu*⁶ e adornos. Estas são as principais práticas culturais que são realizadas conforme variações de tempo pelo povo *Boe-Bororo* e, principalmente, as famílias envolvidas diretamente no luto, leva tempos duradouros no período de funeral sem participar dos eventos festivos, trabalhos comunitários e até individualmente.

São realizadas práticas tradicionais: quando acontece a “nomação da criança”, denomina-se *boe etore iedodu*; quando se faz oferenda de bebidas e comidas de onça denomina-

⁵ Nome representado por uma família que perdeu ou que já faleceu um filho.

⁶ Último canto solene com muita duração, para fazer adornos dos ossos do cadáver em um cesto grande.

se *adugo ukedodu* onde todos participam homens, mulheres e crianças; quando se faz trocas de alimentos, denominam-se *Ô-boca-doge*⁷; a festa de milho denomina-se *kuiada parú*; a corrida de cilindro grande de coite, denomina-se *mano*, flechada e outros.

Estas são principais práticas culturais que todas as comunidades se envolvem participam coletivamente.

1.5 Sobre a minha aldeia

Posso destacar a caracterização da minha Aldeia, que sua construção é em formato tradicional, com casas feitas de palha e pau-a-pique, sendo que cada família escolhe o local para construir sua casa para uma moradia desejada. A Aldeia segue as memórias da organização social povo, então a aldeia é dividida em duas metades exogamicas, em uma metade ficam as pessoas *Tugarege* e outra as famílias *Ecerae*. Há uma casa central denominada *Aroe ewai* ou *Bai Managajeju*. Atualmente se observa pequenas quantidades de construções das casas em modalidade de círculos em volta da casa central da Aldeia. Assim também a construção da escola em alvenaria da rede Estadual em condições de oferta de ensino básico até ensino Médio. Também a aldeia conta com postinho de saúde indígena, que foi uma construção através do plano do Distrito Sanitário Indígena DSI.

Portanto, a Aldeia é localizada na baixada do vale do Rio São Lourenço e com a divisa do município de Rondonópolis, com uma extensão de 120 Km, sendo que é o Município de Santo Antônio do Leverger-MT. Fica a 380 km de distância da Aldeia para chegar ao município subordinado. A população desta comunidade alcança, aproximadas, quinhentos e cinquenta a seiscentas pessoas na área Terra Indígena Tereza Cristina. Portanto, refiro estes números estimados desta população, devidos minhas observações que este povo ou família mantem total liberdade para migrar e imigrar em outros lugares e se habituar em outras comunidades da mesma etnia, sem mais permissão e periódica de sua decisão de migrar ou imigrar.

Como referido trabalho, constatando, a perspectivas da Escola Estadual Indígena *Korogedo Paru* vem multiplicando número de alunos constantemente, na rede Estadual, sendo cento e sessenta e seis alunos totalizando na Educação Básica, Fundamental e Médio. São trinta alunos no profissionalizante Curso Magistério e cinquenta e sete alunos em vagas ofertados pela rede municipal. Temos um total de 223 alunos. Referindo corpo docente, alcançamos uma

⁷ É um tipo de banquete, oferenda troca de alimentos.

totalidade de dezessete profissionais em atividades atribuídas em diferentes áreas de conhecimentos, atuando na Educação Básica, Educação Fundamental e Ensino Médio. Assim também atuam em ensino de aperfeiçoamento como Curso de Magistério, cabendo quadro curricular do projeto na existência dos profissionais habilitados para lecionar em cada disciplina.

Diante es programas do governo, que vem se agregando ou influenciando nas terras e comunidades indígena, assuntos e áreas específicas podem ser trabalhadas como assuntos da comunidade na Escola. Estes trabalhos e programas do empreendimento, na aldeia, está relativamente derivada e trabalha sobre os impactos ambientais que afetam direta e indireta na área terra Indígena Tereza Cristina. Assim, a escola trabalha conforme entendimento das legalidades sobre conservação e preservação do meio ambiente e demais atenção e conscientização das populações afetada.

CAPÍTULO II - ENSINO DO MENINO BORORO

No contexto dos rituais vivenciados do povo *Boe-Bororo* os adolescentes com uma faixa etária de treze aos quinze anos de idade começam a tomar parte dos preparativos coordenados pelos próprios responsáveis da família dos adolescentes. São os responsáveis pelo adolescente que determinam e comunicam aos chefes da cultura tradicional para o repasse de informações sobre as práticas tradicionais. Essa mobilização envolve comunidade de outras Aldeias *Boe-Bororo* que participam da realização desta atividade cultural.

Assim, o adolescente é convocado pelo responsável tais como *oiorubodare*⁸, que forma grupos de família, ou sub clã, que assumem responsabilidades de cuidar do adolescente dentro de vinte a trinta dias correndo e se escondendo do barulho dos animais e aves que se aproximam. Os responsáveis não deixam o *oiorubodare* descansar dia e noite até o retorno para a Aldeia. Inicia-se na casa central da Aldeia e percorre diferentes ambientes da mata, cerrado e floresta onde os responsáveis irão passar e mostrar ervas medicinais tradicionais para resistência física, resistência de apetite, erva para facilidade de adquirir cantos, linguagem e lamentações.

Em seu retorno para a Aldeia ou à casa Central, denominado *Bai Managajejeu* ou *Aroe Ewai*, o adolescente é aguardado pelos grupos de anciãos responsáveis e famílias, então o adolescente é recebido com acolhimento na Casa Central e na Aldeia, onde irão sentar na esteira e em pele de animais como onça pintada, onça parda, jaguatirica e outros tipos de animais silvestres durante um período de três a cinco dias. Após estes dias irão se aproximar os conhecedores dos cantos e da linguagem, *roia* e *bakaru*, que denomina-se cantos solenes e conhecimentos geral da linguagem para repassar todas as práticas inerentes a este ritual de iniciação. A partir dos repasses das informações dos cantos e da linguagem é feita a *charro*, que é a palha de babaçu, feito como um cachimbo, para ser colocado no pênis do menino, denominado *Ba*⁹, mediante acompanhamento dos responsáveis, para que o adolescente seja levado a um córrego para tomar banho para realização dos cerimoniais finais e podendo retornar para sua casa. De volta a sua casa o adolescente recebe diversos enfeites produzidos pelos próprios responsáveis, e neste momento também o adolescente receberá as orientações e incentivos dos responsáveis.

Diante deste processo educativo, o adolescente continua recebendo a atenção dos conhecedores dos cantos, da linguagem e sobre as lamentações para tomar contato com as

⁸ E aquela pessoa que ensina sobre as ervas medicinais, produção de enfeite e as variedades culturais voltada ao seu povo.

⁹ Nome de uma arte que é feito com a folha de babaçu.

experiências dos conhecimentos adquiridos. A finalidade disto é para que o adolescente se torne uma pessoa hábil para a prática de cantos e outras práticas culturais. Esta formalidade prevê um mecanismo de socialização que introduz um organismo de filosofia que um menino reproduz para enxergar dentro ou fora do caminho de um projeto e qualificando sua especificidade.

Destacando o contexto da atualidade do povo *Boe-Bororo*, considero importante reafirmar memórias ouvidas e faladas dos anciãos que relatam sobre os rituais considerados mais ricos deste povo e a valorização dos rituais em segredo. Segundo os anciãos, tinham muitos cuidados e medo para não serem comentados e serem descobertos os segredos por outras pessoas e principalmente para pessoas que não tinham vivenciado esta prática na sociedade e também convoca superiores e são sagrados. Esta prática, culturalmente, era independente do período fúnebre do povo *Boe-Bororo*. Pois este ritual, que era costume do povo *Boe-Bororo*, passagem do menino a adolescência, era fortemente seguido as orientações de não comentar, não expor o sagrado em momento nenhum por razões, *Aije, Aroe Doge*, que são espíritos, males que fazem parte da cultura deste povo.

O povo *Boe-Bororo* compreende segredo na perspectiva forte da valorização da cultura tradicional própria da sua realidade, o qual não deve ser revelado, exposto, comentado em momentos ou em qualquer tempo, pois o segredo está ligado fortemente a males espirituais. Conforme esta prática, o povo *Boe-Bororo*, atualmente, costuma realizar somente em momento dos funerais para levar o menino a adolescência a se adaptar a um conhecimento mais significativo e importante na sua vida.

Esta nova forma de adaptação dos meninos baseia-se no tamanho e faixa etária de dez aos doze anos de idade, o qual tenha sido observado no crescimento a condição para assumirem um grau de responsabilidade e convivência para manter a valorização dos rituais sagrados tais como *Aroe Doge, Aije Doge* e seus segredos e o que é sagrado para o povo *Boe-Bororo* prevendo tornar um superior de desafios e superando com equilíbrio de sucesso.

A partir da convocação anunciada por um ancião, sobre aviso dos nomes de meninos e adolescentes que se integrarão a uma nova fase de introdução, estes meninos já recebem conselhos e orientação dos pais quando vai entrar na casa central *Bai Managajejeu* ou *Aroe Ewai*. Ele não vai olhar em seu torno no dia seguinte quando entrar na casa central.

Ao entrar na casa central, ficará na responsabilidade dos *Uiorubodare*, o qual irá aconselhar e incentivar os meninos e adolescente durante o penúltimo dia do ritual até últimos momentos de reconhecimento dos meninos em adolescente, na cerimonia final deste ritual pular *Aroe Doge, Aije Doge* com o apoio do *Uiorubodarege*, os responsáveis.

Assim, no final deste ritual, os meninos e adolescentes voltam para sua casa com toda a informação que irá caber nas responsabilidades dos pais para não comentar, não revelar os segredos deste ritual que fazem parte das memórias milenares desta cultura sagrada. Tenho observado que os mais velhos estão tendo dificuldade de repassar para as novas gerações o quanto é importante para o povo *Boe-Bororo* preservar os rituais que fazem parte das nossas práticas culturais milenares. Tenho percebido também que as gerações atuais se preocupam em assimilar os ensinamentos dos anciões e, a partir disso, passam a compreender quais são os rituais que não devem ser expostos ou mostrados para outras pessoas, principalmente para as crianças e mulheres que não podem vivenciar esta realidade, que deve ser voltada especificamente ao adolescente.

O segredo inerente a este ritual sagrado para o povo *Boe-Bororo* tem de ser respeitado, pois o rompimento desse segredo que constam, tais como *aroe doge*, *aije Doge* é um tipo de espiritualidade que pode ocasionar sérias consequências em termos de saúde, que dificilmente é diagnosticada pelos especialistas ocidentais na área de saúde. O desrespeito ao segredo pode levar a pessoa que revelou o segredo à morte em casos de não tiver as ervas medicinais tradicionais que possa combater o mal. Este ritual ou cerimônia consta e acompanhada no antepenúltimo e penúltimo dia do encerramento do funeral nos costumes do funeral do povo *Boe-Bororo*.

Isso se aplica também às situações de perseguição e captura desnecessária de animais, aves e peixes, que servem para o sustento do povo *Boe-Bororo*, sendo que podem caçar e pescar estas espécies de animais e, em seguida, devem ser entregues primeiramente para o pajé, que vai fazer o ritual de pajelança denominado *bari* para jamais ficar perverso. Se a quantidade de caça ou pesca for suficiente para alimentar toda a comunidade, o pajé e o líder da comunidade geral desta sociedade *boe-bororo* realiza o anúncio para toda a comunidade para participarem do dia festivo e saborearem da caça ou da pesca que foi capturado.

O ensino do menino *Boe-Bororo* era, no princípio, muito acompanhado pelos seus pais, familiares e para alcançar o seu intuito de responsabilidade, garantindo os seus saberes de realizar ou de construir um caminho sob a sua jornada e desafios em sucesso. Todo ensino era praticamente para o menino cultivar valores e manter as práticas culturais do seu povo, saber desenvolver as atividades de pesca e caça, identificar o espaço geográfico da caça e pesca, produzir enfeites, conhecer épocas e diferenças dos fenômenos da natureza, conhecer metodologia e estratégias nos momentos de dificuldades.

Atualmente, a fase deste menino e adolescente, passa a guarda do segredo de demonstrar e revelar, por seus atos de responsabilidade pelo distanciamento dos seus pais e até mesmo de

quem foi seu responsável na segurança e fortalecimento do mesmo. Antes, a educação tradicional iniciava-se na própria família, também era baseada em atividades coletivas da comunidade Boe-Bororo, nas organizações dos trabalhos comunitários, nas repartições dos trabalhos em grupos, planejamentos de dias festivos, planejamentos de caça e pesca, preparação de um líder e outros, juntamente com os conhecedores gerais da cultura do povo *Boe-Bororo*. Diante disto, a unidade escolar está sendo fonte na informação que possa reforçar os valores e fortalecimento da cultura deste povo, a partir de interação com os alunos e comunidades, discutindo as intervenções da cultura ocidental, buscando um equilíbrio dos valores dos mesmos, segurança e conscientização destas novas gerações do povo *Boe-Bororo*.

2.1 O menino Bororo de 4 a 6 anos de idade

O menino Boe-Bororo, antigamente, mantinha forte relação com seus pais e familiares, pois não tomava distanciamento da sua casa, principalmente dos seus pais. A educação era praticamente repassada pelos seus pais em todo o momento de sua vida Boe-Bororo. Ele era orientado sobre os cuidados, perigos, respeitando principalmente seus pais, seus familiares, os mais velhos e líderes da comunidade; era orientado para não brincar e nem olhar muito para o pajé e todos rituais que se mantêm sagrado para o povo *Boe-Bororo*. O menino Boe-Bororo desenvolvia seu conhecimento diante dos conselhos e orientações dos seus pais sobre a importância da língua, o uso da linguagem que o povo mantêm relacionada com a natureza.

Considerando a mudança que o menino Boe-Bororo vem acrescentando no seu grau de conhecimento, o menino começa a se adaptar a um mundo formal da sociedade ocidental, portanto, o menino inicia a conviver com outro aspecto para cumprir alguns regimentos distantes dos seus costumes informais, como já convivía anteriormente. Atualmente, o menino Boe-Bororo, a sua convocatória tem um princípio de construção de um futuro para assimilar um conhecimento que vem favorecer o seu projeto equilibrado de vida, o que está sendo construído no seu mundo informal para um mundo formal. Pois o que vem acrescentando no seu saber é transmitido a partir da aprendizagem dos seus pais, principalmente a língua materna, artes, pinturas, cantos e danças e outros, onde também podendo propiciar a diversidade cultural étnica e da sociedade ocidental.

O menino Boe-Bororo possui dentro de uma estrutura de evolução o reconhecimento convencional de conviver com normativas que regulamenta e rege conforme uma organização

de uma unidade escolar em conjunto com a comunidade. O princípio pedagógico que rege as atitudes do menino Boe-Bororo mantém forte os valores tradicionais no que garante manter a sua cultura e identidade diante de reconhecimento regular a se integrar em uma unidade escolar. Portanto, no que estabelece a uma unidade escolar, ela deve ser diferenciada diante de uma instância maior, reconhecida pela LDB N° 9.394/96, pois este menino passa por um hábito de dividir o seu tempo da cultura tradicional com a aprendizagem da escola, dentro de uma padronização informal e formal do seu conhecimento conforme algumas normas que garante respeito e convivência estabelecida na lei maior convencional da educação brasileira.

Atualmente, menino Boe-Bororo, dentro desta faixa etária de idade, passa a se adaptar ou dividir o seu tempo com todos os seus privilégios de ir para escola, no que se compromete obrigatoriamente ser uma rede universal para toda sociedade indígena e não indígena. Ambos, no que pode constatar sobre o menino Boe-Bororo, principalmente quando é início da sua primeira ida ou mesmo frequentar uma unidade escolar, este reconhece outra descoberta de familiaridade, tendo toda sua liberdade como sempre um espaço de escolarização e vista em uma unidade escolar. Pois o menino sempre é acompanhado de alguns de sua família, não forçando por sentir obrigatório a sua frequência e em tempo determinado.

Assim, o menino mantém um acompanhamento próximo de sua família para formar sua concepção sobre a importância da interação, que ocupa um papel importante no desenvolvimento entre os meninos e entre outros vários aspectos de sua vida. Desde então o menino percebe todo o seu tempo de liberdade de brincar, cantar, correr nas proximidades de sua casa e principalmente e ficar mais de seus pais para o seu desenvolvimento educativo.

O menino Boe-Bororo com o faixa etária entre cinco anos de idade, reproduz o seu pensamento e imaginação de ser capaz de agir intensamente sozinho, buscar amiguinhos e amiguinhas para brincar nas proximidades de sua casa, bem como brincar de desenhar no chão, produzir artes, imitar frutinhas em construção de animais diversos. Diante da evolução tecnológica do povo ocidental, que atualmente está agregada em maior parte da sociedade do mundo, um menino da atualidade procura a maior possibilidade de conhecer e dominar a tecnologia de não indígena, como buscar e brincar com alguns aplicativos nos celulares, assistir vários tipos de desenhos na televisão, usar *tabletes* e outros.

A partir dos 6 anos de idade o menino passa um pouco mais a ser exigente, a gostar de fazer escolhas de sua própria confecções, de fazer e a gostar de ser estilista, andar mais distante de sua casa, tomar banho no rio e córrego. Nesta idade inicia suas atividades de pescaria e a fazer caça, mais próximo de sua casa. Começa, também, a formar equipes para jogos de futebol

e tem disposição para outras atividades da cultura tradicional. Nesta idade, também, muda sua maneira vestir, passando a se vestir como a sociedade ocidental.

2.2 O menino Bororo de 7 aos 10 anos

O menino Boe-Bororo, nesta faixa etária, passa por uma transformação em sua vida, de viver seu costume de ter iniciativa para pensar e se responsabilizar primeiramente por algumas tarefas regulares de sua casa, partindo pelo conhecimento e experiência que é repassada pelos seus pais. Diante deste princípio, considera-se a observação de alguns dos líderes ou mais velhos como importante, para que os indígenas do povo Boe-Bororo possam passar em circunstâncias que se agrega e que seria importante para tomar medidas cabíveis de aproximação e acompanhamento sobre evolução e futuros destes meninos. Portanto, das grandes adaptações ou mesmo avanço da tecnologia que demais povos adotaram ou mesmo que venha ser forçado a conviver, nós do povo Boe-Bororo, preocupamos com estes meninos que estão se acostumando com outro mundo, o dos não indígenas com o uso das tecnologias do povo ocidental.

Venho destacar que estes meninos vêm reduzindo, principalmente em alguns comportamentos com seus familiares, o respeito sobre alguns conselhos, incentivos e deveres básicos da sua casa. Vêm se distanciando sobre a valorização da sua cultura, da participação de se envolver com outros costumes e rituais sagrados que seria importante para manter uma relação somente com os homens e adolescentes.

Portanto, a transformação que o menino pode passar é conciliada aos valores tradicionais deste povo, respeitando as diversidades culturais entre os povos indígenas e povos ocidentais. Assim, é preciso que se torne muito importante os conhecimentos tradicionais, que mantenha equilibrada e significativa na sua vida e identidade pessoal e coletiva na sua comunidade.

O menino Boe-Bororo busca se adaptar com forte envolvimento sobre aplicabilidade e manuseio da tecnologia dos não indígenas, na qual interpreta entre demais líderes e mais velhos quais são os motivos e seguranças que garante o futuro destes meninos Boe-Bororo.

2.3 Como era a iniciação antigamente

No processo de iniciação antigamente, o menino era basicamente falante da língua materna e tinha todos os cuidados e acompanhamentos dos seus pais, que diziam sobre os

cuidados e perigos, para não brincar, não olhar muito para o pajé. Eles eram preparados para conviver e vivenciar todos os costumes da sua própria identidade tradicional. Principalmente sobre a língua, cantos, danças, orientados para fazer enfeites e outros mecanismos que envolvem a educação do menino. Antigamente o menino era banhado com ervas preparatórias para resistência, preparatória para desenvolver o físico, controlar o apetite, mentalidade, facilidade de compreender qualquer tipo de informações.

Segundo o professor Evaristo Kiga, a educação vem da família e a aprendizagem na comunidade vem desde quando o filho nasce. A educação na etnia *Boe-Bororo* busca orientar para respeitar a natureza, ensinar o que é vida, o que é ruim e o que é de bom. A educação busca orientar sobre como fazer as coisas, como trabalhar, como fazer enfeites, ensina sobre a terra, da água, as relações com a natureza.

Assim é a Educação, os mais velhos fazem uma festa e as crianças têm que participar e aprender a respeitar aquele regimento ou normas que simbolizam. No Funeral tem as coisas que uma criança não deve revelar para manter e respeitar o segredo, o qual se constitui principalmente *Aroe Doge*, *Aije Doge* como elas são, grandes pequenos altos ou baixos, tem um formato de pessoas ou animais, pois isto deve ser mantido e não deve ser revelado em momento algum. Respectivamente e umas das espiritualidades que prevê alguns sinais ruins quando é ouvida na caça e pesca.

Na iniciação do menino, geralmente, não há distanciamento dos seus pais que ensinam que o filho deve obedecer todos os mandamentos e ensinamentos, que vai evoluindo diante dos demais surgimentos de aprendizagem na sua vida. Respeitar e compreender a organização espacial e social. Assim, na iniciação, desde antigamente e até na atualidade, o menino passa a compreender seus pertencimentos dos principais clãs e sub clãs, da sua própria maternidade onde existem duas metades isogâmicas principais clãs *Tugarege* e *Ecêrae*, apesar do direito de usar os diversos enfeites e pinturas faciais que pertencem aos seus pais. Porém, onde pode ser mais identificado sobre estas divisórias é na casa central *Hai-Managajejeu* ou *Aroe Ewai*.

Nestas possibilidades, o menino é motivado a compreender todos os seguimentos dos mitos, história, lendas, fábulas que fazem da importância da cultura do seu povo. Este menino é levado ao seu desenvolvimento sobre identificação das diferenças classificatórias em moradia habitacional de sua própria etnia; identificar os líderes mais importante de cada grupo, *Aroe Etuwo*, *Aroe Maiwu* ou *uiadu*, que denomina-se famílias que é ou foram responsáveis pelo funeral; não brincar com o pajé, Tugo Baigare¹⁰ - um homem especial que captura os animais

¹⁰ Homem Boe-Bororo que caça e captura animais ferozes.

ferozes com arco e flecha, Aroe Etawarare¹¹, conhecedor que chamam das almas; respeitar os mais velhos; ouvir mais e falar menos; obedecer aos mandatos dos mais velhos; evitar seu relacionamento quando vai brincar; tomar banho no rio com as meninas que não fazem partes da sua fase de faixa etária, pois isto pode haver transtorno e interferência no crescimento do menino e adolescente, sem animo, muita insônia, dos anos da convivência do povo *Boe-Bororo* então, preferencialmente brincar somente com os meninos, não ser ágil, principalmente quando as meninas estiverem em repouso ou primeiro meses de menstruação, pois isto se mantem aos longo.

Dentro de um longo processo de aprendizagem do menino, vai sendo observado como modelo de experiência, suas participações, empenho, esforço, através de algumas tentativas expostas na comunidade, como, envolvimento nos cantos, danças, disposição e outras atividades que fazem um representante ou um líder que fortaleça e assegura os valores culturais deste povo.

Nestas condições, este menino e, principalmente, o adolescente cumpre alguns regimentos compromissados pelo aconselhamento de seus familiares, sobre a importância de que, quando anoitece, é preciso adormecer, se inquietar e quando horas ao amanhecer levantar antes que o sol aparecer, seguir algumas orientações, pegar ervas tradicionais, colocar na boca até que tenha uma ansiedade de vomitar, isto caracteriza preparo físico, ânimo, ágil, disposição, saudável.

Estes ensinamentos serão importantes no crescimento do menino, tornando um ser ativo, alegre e com toda disposição para algumas atividades que compete a sua fase de menino: brincar, cantar, correr e outros. Este menino revelará um papel importante nos diferentes saberes tradicional na sua comunidade sendo reconhecido, respeitado e valorizado. Desta forma, a sua capacidade e competência de transmitir, comentar e falar sobre o conhecimento sobre astronomia na sociedade povo *Boe-Bororo*, sobre aspectos e estrutura da natureza, as dimensões da espécie de biodiversidade, mediante os conhecimentos do povo ocidental que investigam e analisam para garantir o objetivo de sua ciência. Este menino terá capacidade de reproduzir esta espiritualidade do seu povo pelas recomendações dos seus pais que, geralmente, falam sobre todos os cuidados que poderão ocorrer durante as suas trajetórias, desde menino até se tornar adulto e durante todo o espaço de sua vida.

Desde estes ensinamentos, o menino *Boe-Bororo* carrega consigo grande dimensão de conhecimento, tornando-se um sábio relativo a cantos, danças, lamentações, destacamento da

¹¹ São pessoas que mantem um pouco do poder da capacidade do pajé.

língua, as diversas pinturas faciais e corporais, produção de artesanatos relativos aos masculinos, e até acontecer a esperada vocação de um Tugo baigare, que é um vencedor de desafios de caças mais ferozes; Um chama as almas *Aroe-Etawarare* ou um *bari* denomina-se pajé.

Porém, quero ressaltar, que estes fortes integrantes da comunidade, como alguns citados acima, dependerão de preparativos e dom para domínio dos fortes conhecimentos principalmente para ser um “Pajé” que denominamos *Bari*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O menino Boe-Bororo de hoje tem tido uma prática para conviver com outros hábitos, outros relacionamentos, da maneira diferente de se comportar nos atos culturais, costumes, mitos e até fortes espiritualidades, que ao longo dos anos este povo *Boe-Bororo* mantem. O menino Boe-Bororo começou a se estabilizar nos costumes mais direcionado sobre usos tecnológicos dos povos ocidentais, que fortemente veio por meio da televisão, do celular e outros. Estes aparelhos chamam a atenção do menino que não quer ouvir mais histórias, contos dos mais velhos no centro ou pátio da Aldeia. A tecnologia dos não indígenas serve como ferramenta que substitui e facilita a comunicação entre vários aspectos da vida do ser humano.

Era no pátio da aldeia que sempre havia um grande número de pessoas para momentos de interação Boe-Bororo, para preparação de planejamentos de caça e pesca, nomeação de criança, festividades, comida de onça, principalmente, quando se houver funeral de uma entidade do povo *Boe-Bororo*. Durante este período são realizadas várias cerimônias culturais, cantos para pesca coletiva, cantos para caça, cantos para ficar parada na casa central *Aroe Ewai* ou *Bai-Managajeju*¹² para fazer alguns enfeites tais como *pariko* (denomina-se cocar) ou mesmo renovar as penas que já estão velhas, cantos para danças, e outras atividades culturais, dança com taboca, dança com mano, dança com toro “broto e palha de buriti”, dança com *kaiwo* e outras.

Com o avanço da internet na aldeia os meninos estão com outros interesses e estão procurando, aprendendo nos inúmeros aplicativos, coisas boas e também estão obtendo informações que não poderiam saber de qualquer jeito, ou seja, muitos segredos da cultura estão sendo revelados, pois encontra-se estes aplicativos que está diretamente disponível ao acesso, principalmente alguns rituais sagrados relativos a cultura do povo *Boe-Bororo*. Entre estes aspectos, o menino Boe-Bororo está sempre buscando o domínio de “celulares, computadores, notebook, tabletes” e outros, no qual está sendo utilizado pelas sociedades em todos os níveis de idade, que fazem partes do cotidiano do dia-a-dia. Portanto, é fundamental despertar as curiosidades e interesse que favoreçam a evolução do menino Boe-Bororo na construção e valorização do conhecimento tradicionalmente buscando conciliar no princípio e conhecimento do povo ocidental.

¹² Este nome e referencia concentração geral dos espíritos que já faleceram na casa central da Aldeia com os homens *Boe-Bororo*.

Assim, o menino Boe-Bororo demonstra uma mudança constante, que nas pessoas desta etnia causa preocupação sobre a valorização da própria identidade vem sendo observados pela desvalorização do menino Boe-Bororo.

Este trabalho, portanto, tem um princípio fundamental para o povo *Boe-Bororo*, pois pode ser desenvolvido um conhecimento tradicional em uma unidade escolar como importante papel no processo educativo das crianças. Este trabalho será um registro significativo sobre conhecimento milenar deste povo, valores e fortalecimento cultural que este povo mantém há muitos séculos de suas existências, bem como um conhecimento repleto rico para este povo que poderá ser inserido no contexto das disciplinas e ser conciliada em um conhecimento do povo ocidental e tradicional. Este registro se constitui a partir de entendimento e conhecimento adquirido de um ancião que pode ser reforçada diante de sua capacidade e ser transmitida para os alunos.

Nestas possibilidades garante um termo de responsabilidade e respeito para os meninos Boe-Bororo conforme as regras e normas culturalmente que este povo mantém. De acordo e com muitos cuidados, este trabalho pode resultar num material didático convencional, motivando interesse e o respeito com o leitor.

REFERÊNCIAS

KORIGA, Álvaro. **Projeto Curricular do Ensino Médio.**

OCHOA CAMARGO, Gonçalo e COQUEIRO TUGORE ETUA, Frederico. **História Mítica Bororo.** Vol. 01. Campo Grande: EDUSC, 1990.

OCHOA CAMARGO, Gonçalo. **Pequeno dicionário bororo-português: a serviço da escola bororo.** Missão Salesiana de Mato Grosso. Cuiabá: SDB, 1997

CONSULTORES NATIVOS

Joaquim Batista Burudui (Conhecedor Nativo em Língua Materna, História, lendas, mitos, Origem, Cantos, danças e outros).

Evaristo Kiga (Educador na Língua Materna e Língua Português).